



Foto de Guilherme Pinto

Paiaikan (à esquerda): "Se inundarem nossa terra, onde os índios vão comer?"

Índios consultarão tribos do exterior sobre usina

Os índios da região do Xingu e do Sul da Amazônia discutirão entre os dias 20 e 25 de fevereiro, em Altamira (PA), o projeto de construção do complexo hidroelétrico de Altamira-Xingu, com a participação de representantes de tribos do Canadá, dos Estados Unidos e da Malásia. Os indígenas brasileiros temem as consequências da inundação da área e por isto convidaram os estrangeiros, que enfrentaram problemas semelhantes em seus países.

Para participar dos debates também foram convidados o Presidente Sarney, o Presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, os Ministros das Minas e Energia e do Interior; os Presidentes da Funai e das empresas Eletronorte e Eletrobrás; os Governadores do Acre e Pará, além de parlamentares e o Procurador Geral da República, Sepúlveda Pertence. Representantes de entidades internacionais de defesa do meio ambiente e das minorias étnicas também participarão, como observadores.

Organizados na União das Nações Indígenas, os membros das tribos querem estabelecer com o Governo um canal de diálogo. Paiaikan, representante dos caiapós que veio ao Rio ontem anunciar o encontro, disse que nenhum enviado do Governo procurou os índios para falar do projeto hidroelétrico que deverá ocupar o território deles: tiveram infor-

mações somente através dos jornais e dos técnicos que já estudam a área e fazem marcações.

— Sabemos que alguma coisa vai acontecer porque estamos vendo um movimento estranho em nossas terras. Helicópteros descem em nossos pátios, grupos de técnicos aparecem com aparelhos estranhos, acampamentos estão surgindo e até canteiro de obras. É um verdadeiro terrorismo. Estamos nos mobilizando para não sermos apanhados de surpresa, como os guaranis, no Sul, que não puderam fazer nada para evitar que fossem expulsos de suas terras para a construção da Usina de Itaipu — disse Ailton Krenak, um dos organizadores do encontro.

Os indígenas querem que as autoridades informem seus planos para as tribos das 11 nações indígenas que serão afetadas — mais de seis mil índios.

— Não somos contra a construção da barragem porque não temos informações sobre ela, mas não aceitamos que destruam a floresta porque a Amazônia é nosso supermercado. Índio não tem costume de comer enlatado, se inundar a terra, onde índio vai comer? — indagou Kayapan, que disse que os indígenas admitem deixar seu território se o Governo lhes der terra boa, com rio limpo, solo fértil e muita caça, como aquela onde vivem hoje.